



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 54

## Presentes inesperados

**Branca Vianna:** Seja bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

O ser humano é mesmo um bicho esquisito. Peculiar. Pensa no efeito placebo, por exemplo: a gente tá tomando um nada, uma pílula de farinha ou de açúcar, mas a gente acredita que aquilo é remédio, e começa a sentir os efeitos desse remédio.

E, certo, tem uma longa discussão na comunidade médica sobre isso, uma série de implicações éticas, gente que defende e gente que critica, muita discussão sobre usar ou não os placebos como prática clínica.

Mas é justamente o fato de esse assunto vir à tona de vez em quando que revela uma característica fascinante – não do placebo em si, mas da gente. Do ser humano. Esse bicho estranho.

À medida que o tempo passa e a ideia de efeito placebo vai ficando mais conhecida, algumas pessoas começaram a entender que um dia elas também iam experimentar esse efeito. E começaram a esperar por isso.

E o resultado disso é que, em alguns casos, a probabilidade de um placebo funcionar como um remédio parece ficar cada vez maior. Sim, a gente tá descobrindo que o efeito placebo tem um efeito placebo. Esquisito, né? Peculiar.

O negócio é que tudo isso tem a ver com as nossas expectativas. São elas que movem o mundo. E não só o nosso mundo. O mundo todo. Eu não tô exagerando: tem todo um campo da ciência que estuda o impacto daquilo que a gente acredita que vai acontecer no que realmente acontece.

Esse impacto existe, tá comprovado. Então dá pra dizer, sem erro, que o que a gente espera que aconteça acaba moldando o mundo. Não é autoajuda, não é pensamento positivo, não é “o que eu quero que aconteça vai acontecer”. E sim “o que eu quero que aconteça influencia o que vai acontecer”. Mas e quando o inesperado entra em cena? Quando o que a gente espera que aconteça não faz a menor diferença? Como é que fica quando não são as nossas expectativas que moldam o nosso mundo?

Nesse episódio, a gente tem duas histórias sobre situações que se apresentaram na vida das pessoas sem que elas esperassem e que mudaram tudo.

Você tá aqui me ouvindo até agora com a expectativa de ouvir uma boa história. E quem vai tentar cumprir, no primeiro ato, é o Vitor Hugo Brandalise.

---

## ATO 1

*Um alerta: este episódio tem descrições de violência.*

**Vitor Hugo Brandalise:** Uns meses atrás, eu encontrei com o Lourenço Mutarelli pra ele me contar uma história.

**Vitor Hugo Brandalise:** Beleza, Lourenço.

**Lourenço Mutarelli:** Tá bom.

**Vitor Hugo Brandalise:** O Lourenço é escritor, ator, professor... Ele tem mais de 20 livros publicados no Brasil e em outros países. Mas a gente se encontrou pra falar de um negócio que aconteceu com ele antes de ele ser qualquer uma dessas coisas. Foi 35 anos atrás, em 1988. Naquela época, ele morava perto do aeroporto de Congonhas, em São Paulo.

**Lourenço Mutarelli:** Um lugar que era meio barra pesada, mas não para quem morava ali. E eu chamei uns amigos...

**Vitor Hugo Brandalise:** O povo começou a chegar... a noite prometia. Não tinha ninguém em casa. Estavam viajando meus pais, meus irmãos. Uns levaram a bebida, outros a comida, um amigo do Lourenço levou o violão...

**Lourenço Mutarelli:** Eu tinha um amigo músico que se chamava Léo. Chegou um pessoal, que trabalhava comigo na Mauricio de Sousa.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Mauricio de Sousa Produções, que faz a Turma da Mônica. O Lourenço tinha trabalhado lá por um tempo.

**Lourenço Mutarelli:** Eu trabalhava no cenário. Eu era cenarista.

**Vitor Hugo Brandalise:** Toda a galera do departamento de animação da Mauricio de Sousa tava na casa do Lourenço – o povo da arte final, da intercalação, todos os colegas cenaristas... inclusive a Jacque.

**Lourenço Mutarelli:** E a Jacqueline queria me mostrar que o carro dela tinha dado uma batida. E eu não estava a fim de sair da minha festa para ver um carro que tinha levado uma batida. Mas aí, eu vi que eu estava com pouco cigarro. E eu falei: "Ah, me leva comprar cigarro, aí eu vejo o teu carro".

**Vitor Hugo Brandalise:** Eles saíram de casa.

**Lourenço Mutarelli:** E aí, quando nós saímos...

**Vitor Hugo Brandalise:** Tava escuro na rua. A casa dos pais do Lourenço fica numa ladeira, pertinho do aeroporto... mais lá pra baixo, no fim da rua, tinha uma boca. A Jacque tava mostrando o amassadinho na lateral do carro, quando o Lourenço notou que eles não tavam sozinhos na rua.

**Lourenço Mutarelli:** Nós fomos abordados por dois caras. Um deles mostrou o cabo do revólver e falaram que iam levar o carro. Eu falei para levar o carro. E falaram que iam levar a gente junto. Eu falei: "Então leva só eu".

**Vitor Hugo Brandalise:** "Deixa a moça", o Lourenço disse pros caras.

**Lourenço Mutarelli:** Falaram: "Não, vamos levar os dois". Aí, me botaram no banco de trás e ela entrou no banco da frente. O cara vendou os meus olhos e deitou a minha cabeça no banco.

**Vitor Hugo Brandalise:** Meu Deus.

**Lourenço Mutarelli:** E aí, ele pôs o revólver na minha cabeça e começou a fazer roleta russa. Apertava o revólver na minha cabeça.

**Vitor Hugo Brandalise:** Nossa.

**Lourenço Mutarelli:** E eu estava muito calmo no começo, muito calmo mesmo. Só que a conversa foi se tornando muito sombria, muito sádica com o que eles estavam planejando fazer com a gente. E aí, essa minha calma começou a mudar. E eu fiquei muito quieto. E, num determinado momento, eles falaram que iam estuprar a gente, torturar, coisas assim...

**Vitor Hugo Brandalise:** O Lourenço até tentou argumentar. "Cara, hoje é meu aniversário!" E era mesmo. 18 de abril. Ele tava fazendo 24 anos. Mas ele ouviu na lata: foda-se.

**Lourenço Mutarelli:** Eles começaram a decidir quem que eles iam matar e quem que eles iam estuprar, eu ou ela.

**Vitor Hugo Brandalise:** Meu Deus, nossa.

**Vitor Hugo Brandalise:** O Lourenço tava no inferno. Ele ouviu, lá do banco da frente, o barulho de um tapa: PÁ! E um grito da Jacque. Como em todo pesadelo, umas coisas estranhas aconteciam. Coisas que você não quer ver – que você sabe que é melhor não ver.

**Lourenço Mutarelli:** Eles pegavam a minha mão e levantavam assim e chacoalhavam, e eu não entendia aquilo, né? E aí, ficava alternando isso, num jogo; e eu tinha tentado conversar e as respostas eram muito agressivas. Então, eu fiquei quieto e depois eu comecei a ficar muito assustado mesmo. Teve um momento em que eles falaram: "Ah, vamos levar eles pra moçada se divertir".

**Vitor Hugo Brandalise:** Nossa!

**Vitor Hugo Brandalise:** Ficou tudo em silêncio no banco da frente. O Lourenço, com os olhos vendados, não conseguia ver nada.

**Lourenço Mutarelli:** Uns 40 minutos, meia hora... Não sei dizer a eternidade daquilo.

**Vitor Hugo Brandalise:** O carro continuava em movimento, mas o tempo lá dentro tinha parado. Tinha estacionado no inferno.

**Lourenço Mutarelli:** Aquelas frases feitas da vida "Eu falo que eu vi minha vida passar pelos meus olhos vendados" é uma coisa piegas pra caramba, mas eu vi realmente. Nesse momento, eu comecei a rever muitas coisas importantes da minha vida. Eu acho meio inevitável você... Ou, pelo menos, lembrar de coisas. É uma despedida.

**Vitor Hugo Brandalise:** A essa altura, o silêncio já tinha virado desespero. Quando o carro parasse, os caras iam "se divertir" com eles. Ele podia imaginar o que que ia vir.

**Laurenço Mutarelli:** E aí, nesse momento, eu comecei com esse esforço, uma tentativa mesmo de negação, de tentar o que o Freud chamaria de um "destrudo".

**Vitor Hugo Brandalise:** Um esforço pra se destruir.

**Laurenço Mutarelli:** Ativar essa minha pulsão de morte.

**Vitor Hugo Brandalise:** Então o Laurenço lembrou do Léo, o amigo dele que tocava violão.

**Laurenço Mutarelli:** E Léo era um cara que estudava muito esoterismo, umas coisas assim. E uma vez ele me falou que se um ser qualquer quiser morrer, ele pode morrer, ele pode deixar de viver com a mente mesmo.

**Vitor Hugo Brandalise:** Tipo um suicídio. Mas um suicídio da mente.

**Laurenço Mutarelli:** E eu fiz um esforço, digo, sobre-humano para que isso acontecesse, porque eu não queria viver o que estava...

**Vitor Hugo Brandalise:** Ele não queria viver o que tava se desenhando pra ele. Então o carro parou.

**Laurenço Mutarelli:** Parou e me desceram...

**Vitor Hugo Brandalise:** Os caras agarraram o Laurenço e arrastaram ele pra fora. Ele se concentrou mais, se esforçou ao máximo. Ele sentia que tinha pouco tempo. Ele precisava morrer.

**Laurenço Mutarelli:** E lembro que quando eu desci do carro cada um me pegou por um braço. E, nesse momento, eu não questionei onde estava a Jacque, essa menina que foi com a gente, né? E, quando eles... A venda andou um pouco, então eu conseguia ver. E eu vi um lugar horrível, embora eu tivesse... A festa surpresa foi na casa da minha avó... era uma festa surpresa, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** Surpresaa! Não era um sequestro! Era festa! O revólver que o cara fazia roleta-russa na cabeça do Lourenço não tinha balas! A “moçada” tava ali pra se divertir com ele, sim! Mas não do jeito que ele tinha pensado. Uhuuul. Viva!

**Lourenço Mutarelli:** E tem a foto do exato momento em que tiram a venda, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** Essa foto tá lá no post dessa história no site da Rádio Novelo.

**Lourenço Mutarelli:** Esse momento foi... Eu fiquei surdo, completamente surdo. Eu lembro que ficou tudo em câmera lenta. Eu não reconheci ninguém.

**Vitor Hugo Brandalise:** Nossa!

**Lourenço Mutarelli:** E eu pensei até naquele... Eu falei: "Acho que eu morri e estão me recebendo. Acho que é aquilo que falam, né?". Porque eu não entendia aquilo. Desde que a venda andou um pouco, eu vislumbrava um outro lugar, sabe? Como algumas experiências psicodélicas, assim, quando você entra numa porta que não tinha lá antes. Eu estava num lugar errado.

**Vitor Hugo Brandalise:** Um lugar querido, muito familiar – a casa da vó do Lourenço. Mas ao mesmo tempo não era isso: subitamente surdo e vendo tudo em câmera lenta, o Lourenço voltou pro mundo dele por uma “outra porta”. E acabou caindo “num lugar errado”. A casa da avó, num mundo absurdo.

**Lourenço Mutarelli:** Eles estavam cantando parabéns, mas eu não ouvia. Eles batiam palmas e eu não entendia aquele movimento. Eu estava realmente num mundo novo e era mais ou menos isso. Eu estava no mundo errado. Todos os que estavam lá, de alguma forma, tínhamos convívio, tínhamos amizade.

**André Juarez:** Foi muito engraçado, foi muito engraçado esse episódio aí.

**Lourenço Mutarelli:** Não eram monstruosos nem nada, mas não eram reconhecíveis para mim. Eu acho que foi um impacto muito grande, eu não queria ver o que provavelmente eu veria. Porque eu ainda estava vivo. Então, o mundo foi desvelado para mim. E, quando ele foi desvelado neste estado de estresse que eu estava, eu vi uma outra coisa.

**André Juarez:** Colocaram uma toca nele. Eram uns caras com um jeito de falar de bandido: “Olha, nós vamos te matar...”

**Lourenço Mutarelli:** Então, não reconheci, mesmo, pessoas muito familiares. Até ver o André, um grande amigo.

**André Juarez:** Foi um negócio muito engraçado.

**Lourenço Mutarelli:** Ele era muito doido, muito doido.

**André Juarez:** E a gente foi pra casa da vó dele, mas rachando de rir.

**Lourenço Mutarelli:** Ele estava rolando no chão de rir. Eu lembro que quando tiraram a máscara dele, ele estava branco, branco, branco.

**Vitor Hugo Brandalise:** Você lembra o que que você tava fazendo quando você viu ele?

**André Juarez:** Não.

**Vitor Hugo Brandalise:** Ele disse assim: "Ele estava rolando no chão de rir".

**André Juarez:** [Muitos risos] É possível. É possível. [risos] Estou rindo até hoje. Estou rindo até agora.

**Lourenço Mutarelli:** Aí, eu reconheci o André e aí eu comecei a voltar.

**André Juarez:** Eu sou amigo de infância do Lourenço, a gente era vizinho. Eu sou o André Juarez, músico, vibrafonista e sou regente do coral da USP também.

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu quis falar com o André Juarez pra saber se ele tinha noção da participação dele naquele dia.

**Vitor Hugo Brandalise:** Agora, André, você notou isso na hora, que ele estava fora de si e quando te viu ele caiu em si? Você tinha essa noção?

**André Juarez:** Não, eu não sabia disso.

**Vitor Hugo Brandalise:** Nem o André, nem ninguém que tava lá entendeu as consequências que aquela festa ia provocar no Lourenço.

**Lourenço Mutarelli:** Não, na hora, nem eu entendi.

**André Juarez:** Me preocupou um pouco essa brincadeira, sabe? Mas depois deu tudo bem.

**Vitor Hugo Brandalise:** Parecia mesmo que tudo ia ficar bem.

**Lourenço Mutarelli:** Minha avó ficou muito brava porque ela sabia que era uma festa surpresa, mas não sabia que eu ia chegar daquele jeito. Ela deu uma bronca neles.

**Vitor Hugo Brandalise:** E a noite seguiu... Mesa cheia, canudinhos de maionese, garrafas de guaraná, umas cervejas. Só o aniversariante que não tava muito legal.

**Lourenço Mutarelli:** Eu estava muito cansado. Eu me sentei. E eu passei a festa conversando com os dois sequestradores.

**Vitor Hugo Brandalise:** Os "sequestradores" fake. Amigos de amigos convocados pro papel, que o Lourenço não conhecia até então.

**Lourenço Mutarelli:** Eu queria entender como eles tiveram esse sadismo mesmo, essa coragem de pegar alguém para uma brincadeira e fazer esse terror psicológico por tanto tempo, né? E em nenhum minuto eu pensei que isso pudesse ser uma brincadeira. Nenhum, nenhum. Então, depois, eles vieram muito cordialmente, até pessoas interessantes. E foi estranho. Foi estranho.

**Vitor Hugo Brandalise:** Os mesmos caras que antes estavam ameaçando torturar ele, marcar ele... Agora estavam ali: "Passa a Coquinha, por favor?" Essa virada de chave ia ser bem difícil pro Lourenço. Muito mais do que dava pra prever naquela noite.

**Lourenço Mutarelli:** Acho que eu sempre tive uma leve paranoia de que tudo seja uma encenação, sei lá. Acho que cruzou alguns dos meus limites que eram frágeis ou vulneráveis, tudo isso. A partir daí, eu parei de comemorar meu aniversário.

**Vitor Hugo Brandalise:** Os organizadores, eles entenderam que tinha sido pesada a brincadeira?

**Lourenço Mutarelli:** Não. Eu fui ficando ali. Claro, eu estava abatido, mas eu estava bem. Conversei e tudo.

**Vitor Hugo Brandalise:** Só que você não tenta desligar a tua cabeça, com todas as forças que você tem impunemente. Isso tem consequências.

**Lourenço Mutarelli:** O tempo foi... Sei lá. Eu passei a afundar. Foi um processo... Tem um filme interessante que é aquele "Os Homens que Encaravam Cabras", que eles ensinam um golpe mortal que você toca na pessoa, você só toca nela. É uma morte que começa a partir desse toque. Ela não é imediata, mas ela já foi. A pessoa foi tocada. Então, eu faço uma associação com isso. Aquele momento foi o momento em que eu fui tocado por esse golpe.

**Vitor Hugo Brandalise:** Na noite em que ele completou 24 anos, o Lourenço foi marcado.

**Lourenço Mutarelli:** Eu sabia que tinha alguma coisa ali. Tudo bem, podia ser passageiro. Podia ser do stress. Mas, não foi.

**Vitor Hugo Brandalise:** O passeio pelo “mundo errado” do Lourenço não durou uma noite só.

**Lourenço Mutarelli:** E, depois disso, eu comecei a ficar muito mal. Levou um tempo até eu entrar numa depressão profunda, que eu afundei realmente.

**Vitor Hugo Brandalise:** Talvez você lembre do Lourenço Mutarelli como o autor do livro “O Cheiro do Ralo”, que depois virou filme que foi lançado em 2006. Entre os mais de 20 livros que o Lourenço escreveu estão romances, como “O Cheiro do Ralo”, e várias histórias em quadrinhos. Mas nessa época, ele ainda não tinha lançado livro nenhum.

**Lourenço Mutarelli:** Eu comecei a emagrecer muito. Então, eu fiquei tão fraco que eu passei a dormir na sala, eu morava na casa dos meus pais.

**Vitor Hugo Brandalise:** Na verdade, naquela altura o Lourenço tava muito longe de conseguir concretizar qualquer coisa.

**Lourenço Mutarelli:** Eu não conseguia subir a escada. Tinha um lavabo lá embaixo, mas não tinha chuveiro. As unhas da minha mão e do meu pé me machucavam, porque eu não estava cortando as unhas, não estava tomando banho. Eu só conseguia comer gelatina e caqui mole, porque eu tinha um estrangulamento na garganta. E eu ficava muito tenso.

**Vitor Hugo Brandalise:** Você perdeu muitos quilos?

**Lourenço Mutarelli:** A última vez que eu me pesei eram 40 e poucos quilos.

**Vitor Hugo Brandalise:** E você sabia que tinha a ver com aquele momento da festa?

**Lourenço Mutarelli:** Sabia, porque ali as coisas começaram a mudar fisicamente porque essa parte do distúrbio de ansiedade, da depressão, elas te dão sensações físicas também, né? Falta de ar, cansaço...

**Vitor Hugo Brandalise:** O pessoal que organizou, eles explicaram de onde tiraram a ideia? Se era um medo teu?

**André Juarez:** Essa música eu fiz pensando no Lourenço.

**Lourenço Mutarelli:** Não. Acho que eles não queriam me causar nenhuma... Eu acho que a intenção era divertir. Não tinha uma má intenção ali.

**André Juarez:** A música chama Tarântula.

**Vitor Hugo Brandalise:** Lembra que o André Juarez disse que ele é vibrafonista, né? Ele é um dos maiores nomes do vibrafone no Brasil.

Essa música é a música do Lourenço, a Tarântula, porque eu imagino o Lourenço fazendo um desenho a aranha chegando perto, aí começa a enrolar o inseto. Eu vejo uma historinha do Lourenço, aquelas coisas sinistras dele.

E nessa história sinistra do Lourenço, o André não faz só uma pontinha, como o cara que ajudou ele a voltar pra realidade no dia daquela festa. O personagem dele tem um papel maior. O Lourenço tinha sido tocado pela morte e agora tava no fundo do poço, em posição fetal. Aí veio o André, trazendo uma coisa que ia ter o poder – de novo – de tirar o Lourenço lá de baixo.

**André Juarez:** A gente jogava dama.

**Lourenço Mutarelli:** Todo domingo a gente começou a jogar dama...

**André Juarez:** Jogava muita dama, ficava horas jogando damas... Era uma coisa meio louca, né, a gente ia tomar café, jogar dama, assistir Jacques Cousteau.

**Vitor Hugo Brandalise:** Jogar dama, beber café e assistir Jacques Cousteau – o mergulhador francês que ficou famoso por gravar documentários com as primeiras imagens a cores do fundo do mar.

**Lourenço Mutarelli:** Um oceanógrafo, um tiozinho que usava sempre um gorrinho de lã.

**Vitor Hugo Brandalise:** De algum jeito, o Lourenço se conectou com o oceanógrafo do gorrinho de lã.

**Lourenço Mutarelli:** E, num desses episódios, eles iam explorar umas cavernas submersas que nunca tinham sido exploradas. E tinha a questão do oxigênio. Tinha a questão de ser um labirinto e tudo. E, ao mesmo tempo que me causou uma angústia assistir aquilo, fez com que eu entendesse que era o que eu tinha que fazer com o que eu estava vivendo. Era mergulhar, entrar, entender.

**Vitor Hugo Brandalise:** As expedições do Jacques Cousteau acabaram servindo de modelo pro Lourenço.

**Lourenço Mutarelli:** Eu digo que aí eu aprendi a escrever. Eu já fazia histórias em quadrinhos. Se você pegar minhas histórias antes disso, elas são bastante fracas. Eu acho que ali eu começo a entender o que é escrever, que tem a ver com isso de mergulhar para dentro, pro que eu acreditava que fosse o meu inferno, e conseguir voltar. Esse trânsito eu acho que tem muito a ver com o ato da escrita. Para mim, funciona assim.

**Vitor Hugo Brandalise:** Finalmente, aquele passeio no inferno tava rendendo alguma coisa pra ele.

**Lourenço Mutarelli:** E eu fui melhorando aos poucos.

**Vitor Hugo Brandalise:** Dois anos depois da festa surpresa, o Lourenço tava encontrando a saída do lugar estranho onde ele tinha ido parar. Na verdade, ele tava encontrando meios de “transitar” pra fora e pra dentro, e depois de novo pra dentro desse lugar.

Eu quis saber do André se ele tinha ideia de como ele ajudou nessa passagem, com o jogo de damas e com o Jacques Cousteau.

**Vitor Hugo Brandalise:** No relato dele vocês estão presentes como pessoas que ajudaram ele a sair do buraco, você entende?

**André Juarez:** Ah, sabe por quê? Porque era um negócio regular, assim. Regular. Não é que iam um domingo, não, não. Todo domingo a gente estava jogando dama lá.

**Vitor Hugo Brandalise:** No chão instável que o Lourenço tava pisando, a constância das partidas de damas foi uma tábua... um tabuleiro... de salvação.

**André Juarez:** "Meu, domingo é dia de jogar dama, vamos lá, a gente curte um pouco e pronto". A gente estava jogando dama, ele me mostrava os desenhos. Eu não ia lá para "Ah, vou ajudar o Lourenço, coitadinho, ele está deprimido". Não, eu ia lá para curtir. Ia lá pra curtir e ele curtia também.

**Vitor Hugo Brandalise:** Amigo, né.

**Lourenço Mutarelli:** Em 1990, eu comecei a fazer o Transubstanciação, quando eu melhorei. Eu vou desenhando um pouco e crio essa história na minha cabeça, que é uma alegoria a algumas coisas que eu tinha vivido.

**Vitor Hugo Brandalise:** Foi o primeiro livro do Lourenço. E ele dedicou o livro ao André Juarez.

**Lourenço Mutarelli:** Era muito doente. Uma história curta, em capítulos. Ela tem a ver, de uma maneira alegórica, com a forma que eu me sentia naquela época.

**André Juarez:** [Risos]

**Jacque:** [Risos]

**Vitor Hugo Brandalise:** Tem um trechinho no livro que eu guardei aqui que é: “Tem um grito de socorro entalado na garganta e meu corpo é cheio de feridas, mas só eu posso vê-las. Todos estão rindo e eu ficando louco”. Eu pensei no momento de tirar a venda.

**André Juarez:** [Mais risos]

**Lourenço Mutarelli:** Esse é o exato momento ali, né? Tem muito a ver, realmente.

**Jacque:** [Mais risos]

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu estava doente. E isso afetava meus pensamentos, afetava tudo. E eu escrevi essa história... Ela me ajudou muito porque me tirava do chão. Fazia com que eu criasse força. Eu tinha uma taquicardia que eu mal conseguia fazer as coisas. Aí, isso me dava um pouco mais de fôlego. Pra mim, era ficção. Eu estava fazendo uma história. Então, me ajudava.

**Vitor Hugo Brandalise:** O que mudou no que você escrevia e desenhava antes da festa surpresa, tipo os fanzines, e depois, os álbuns?

**Lourenço Mutarelli:** Tudo isso refletiu numa mudança, em assumir mesmo essa história, o preço dessa história de um mundo que é deformado e que é feio, que é cheio de deficiência e que as pessoas escondem.

**Vitor Hugo Brandalise:** Nos anos seguintes à festa surpresa-sequestro, o Lourenço lançou quatro livros de quadrinhos – todos habitados por personagens monstruosos, deformados, e que ficam mais grotescos à medida que a história avança. Os livros tinham títulos como “Desgraçados”.

**Lourenço Mutarelli:** Eu lembro de coisas, mas eu nunca reli. E sei que "Desgraçados" é pior ainda, é mais doente.

**Vitor Hugo Brandalise:** Até hoje, ele não consegue reler esses livros – mas ele lembra o efeito que eles tiveram nele.

**Lourenço Mutarelli:** Quando eu fiz em quadrinhos, é um tratamento. Eu acho que eu tratei aquilo. Nesse meu último livro, eu trato alguma... Tinha uma questão que eu pensava diariamente, há mais de 30 anos; e que, ao escrevê-la, eu parei de pensar. Então, eu acho que isso é uma forma de tratamento, porque o pensamento ruminante ou persistente é algo muito desgastante. Então, quando você pelo menos cala esse tipo de voz ou pensamento, você está se curando. Não vou dizer que nunca mais eu lembro dessas coisas. A cura, eu não sei se ela existe. Mas existe um modo de você silenciar aquilo, fazer com que aquilo ocupe menos espaço, sabe?

**Vitor Hugo Brandalise:** Mas... calou tudo mesmo?

**Jacque:** A festa surpresa foi em abril de 1988, o Lourenço e eu conversamos em julho de 2023.

**Vitor Hugo Brandalise:** Você me falou, eu fiquei interessado nisso, que a entrevista de hoje tinha um potencial terapêutico. Por que voltar nessa história é uma terapia ainda hoje?

**Lourenço Mutarelli:** É porque eu estou num momento da minha vida que eu cheguei num muro. Então, eu estou olhando para trás, tenho olhado muito para trás. Mas, eu não tinha olhado para esse lugar ainda. Eu acho que podia ser bom estar aqui, ver, olhar para isso. E sinto fisicamente que isso mexe comigo ainda, claro. Eu percebi que eu tremi, que eu senti frio enquanto eu voltava nessa história. Eu tentei voltar ao máximo possível lá. O corpo não esquece. Existe essa memória física também. É um assunto que ainda vibra em mim de alguma maneira. Eu nunca culpei essas pessoas que fizeram a brincadeira. Tenho carinho por elas. Não culpo, mas eu justifico o que eu passei pela minha escolha, dessa tentativa, desse esforço.

**Vitor Hugo Brandalise:** O esforço de morrer pela mente. O Lourenço tem uma preocupação em relação a esses caras, aos idealizadores da pegadinha.

**Lourenço Mutarelli:** O que eu acho que seria interessante, embora eu sempre os defenda, eu nunca tinha citado o nome deles e delas, né. Acho que eles também poderiam e teriam todo o direito de dar a versão deles, de se defender, ou de... Sabe? Eu acho que isso seria bonito, porque senão fica só a minha versão. E, por alguma razão, hoje a minha voz é um pouco mais alta do que a deles. Então, eu acho injusto. Acho que poderia ser bom para eles, por eles.

**Vitor Hugo Brandalise:** O Lourenço hoje é um cara conhecido, então o megafone foi parar na mão dele. Ele já falou do falso sequestro em entrevistas e chegou a fazer uma história em quadrinho sobre aquele momento – que depois foi adaptada e virou um curta-metragem, chama “Réquiem”. Mas ele perdeu o contato com os organizadores da festa. O tempo passou, o trauma cresceu e depois sossegou um pouco e o Lourenço nunca nem soube o que os inventores daquele dia pensavam do assunto. Agora ele tava dizendo que podia ser legal saber o lado deles. Pra eles poderem se explicar, colocar em perspectiva – colocar em dúvida tudo o que ele vem dizendo.

**Jacque:** [Risos]

**Vitor Hugo Brandalise:** Então tá.

**Jacque:** A gente sempre fazia muita brincadeira com todo mundo, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** Essa é a Jacque.

**Jacque:** E aí falamos: “Vamos organizar um aniversário para ele, fazer uma surpresa”. E assim, a gente... o pessoal do desenho animado, sempre com boas ideias, né.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Jacqueline Mouradian trabalha na Maurício de Sousa até hoje.

**Jacque:** A gente tinha organizado que cada um ia levar uma parte, um doce, um bolo, refrigerante. Aí nós organizamos dessa forma: a gente sequestra ele, leva na casa da avó dele, faz a festa surpresa e tudo mais.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Jacque e mais um casal de amigos – também lá do cenário na Maurício de Sousa – foram os organizadores da surpresa. O Lourenço me disse pra procurar a Jacque porque ela era a mais próxima dele na época.

**Jacque:** A gente trabalhava na mesma sala, do lado. Minha prancheta do lado da prancheta dele.

**Vitor Hugo Brandalise:** Ela me contou que eles planejaram em detalhes como ia ser a surpresa. Ponto por ponto. Eles pensaram em como evitar que o Lourenço percebesse o que que tava rolando...

**Jacque:** Eu levei um amigo meu, convidei um amigo meu... Falei: “Tem que ser alguém que ele não conhece”.

**Vitor Hugo Brandalise:** Em como levar o aniversariante até o lugar da festa...

**Jacque:** Gente, eu tive uma ideia de como tirar o Lourenço da casa dele pra gente poder sequestrar: vocês vendam os olhos dele, colocam ele no banco de trás, eu vou no banco da frente. A gente dá uma volta no quarteirão ou dá ré, vai para frente e para trás, enquanto vocês pegam o bolo. Não vai esquecer do bolo! Aquela mesa cheia, todo mundo. Vocês ficam quietos, bem quietos para não perceber nada. Apaga a luz. Tudo bem quietos.

**Vitor Hugo Brandalise:** Já fizeram uma festa surpresa pra você? Ou você já organizou uma festa surpresa pra alguém? Nesse tipo de festa, quem organiza fica imaginando como vai ser a reação da pessoa homenageada. Os amigos do Lourenço também imaginaram. Na cabeça deles, não terminava em colapso nervoso, nem em depressão profunda.

**Jacque:** A gente tinha toda a convicção que ele ia amar, né? Essa ideia vai ser maravilhosa para ele, porque ele não tem medo de morrer, que ele sempre fala...

**Lourenço Mutarelli:** Falava. Eu tinha 23 anos.

**Vitor Hugo Brandalise:** Ah, o Lourenço tava com a gente no estúdio.

**Jacque:** Falava, sim, sim... Então, ele vai amar... A gente tinha toda a convicção do mundo que ia ser o máximo. O máximo.

**Lourenço Mutarelli:** Quanto tempo você acha que nós levamos pra chegar? Porque para mim é muito difícil calcular. Pra mim foi uns 40 minutos, mas não deve ter sido.

**Vitor Hugo Brandalise:** O Lourenço aproveitou pra perguntar pra Jacque alguns detalhes sobre aquela noite que ele nunca tinha pensado em perguntar.

**Jacque:** Foi menos que isso. O pessoal foi rápido...

**Lourenço Mutarelli:** Deve levar uns 25 minutos o trajeto.

**Jacque:** Olha, não foi muito demorado, porque não tinha trânsito. O pessoal foi rápido, sabe?

**Lourenço Mutarelli:** Tinham muitos carros seguindo?

**Jacque:** Tinha, eu não me lembro quantos, mas tinha. Eu ficava, assim, contando, né? A gente às vezes emparelhava, eles perguntavam como é que tava, eu falava.

**Lourenço Mutarelli:** O cara levantava o meu braço, assim, que eu não entendi o que era, que era para eu dar tchau. Ele levantava o meu braço, chacoalhava.

**Vitor Hugo Brandalise:** Era por isso que erguiam o braço dele, quando ele tava preso lá no inferno. As peças iam se encaixando.

**Jacque:** A gente tinha combinado, de vez em quando eu falava alguma coisa e ele falava: “Cala a boca!”, e dava o tapa. Eu falava: “Para, não bate em mim”.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Jacque podia contar como tinha sido a cena do lado de fora do pesadelo.

**Jacque:** Eu tava olhando o caminho, eu tava vendo se tava todo mundo e tava tentando interagir ali no carro, né? Eu estava preocupada para ver se ia dar tudo certo.

**Lourenço Mutarelli:** É, acho que você estava muito mais na anfitriã mesmo. Muita coisa para cuidar.

**Jacque:** Mas, assim, na certeza de que você ia amar. Amar.

**Lourenço Mutarelli:** Foi inesquecível, eu diria. [Risos]

**Jacque:** Esse assunto dá um frio na barriga.

**Vitor Hugo Brandalise:** E essa ideia surgiu dentro do trabalho...

**Vitor Hugo Brandalise:** Se tinha uma coisa que eu queria entender era como é que eles tinham tido aquela ideia.

**Jacque:** Sim, colegas de trabalho. Porque assim, a gente aprontava o tempo todo, com todo mundo, mesmo, o tempo todo. Até lembrei de um caso lá. Eu lembro que um dos nossos colegas teve um ataque epilético, não lembro se

era uma convulsão. A gente pensou que fosse brincadeira. A gente não socorria. "Ah! Pára, levanta daí!" Você vê o nível de como a gente brincava, simulava tanta coisa, né? Para você ter ideia como a gente era louco.

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu lia muito gibi da Turma da Mônica quando eu era criança e já pensei bastante sobre como é trabalhar na Maurício de Sousa. Bom, o cenário nos anos 80 era assim.

**Lourenço Mutarelli:** Um amigo nosso falou que tinha corda porque ele pensou em me amarrar numa cadeira e passar gelo na minha garganta, pra eu pensar que tinham cortado o meu pescoço.

**Vitor Hugo Brandalise:** Você lembra o estado de nervos do Lourenço tentando desligar a mente lá no banco de trás do carro da Jacque. Se eles fingem uma degola dessas, eu fico pensando que era capaz de a cabeça dele cair mesmo.

**Lourenço Mutarelli:** Mas ele falou que para ser perfeito tinha que ser água quente e fria ao mesmo tempo. E aí ele achou complicado e deixou pra lá.

**Vitor Hugo Brandalise:** "Para ser perfeito".

**Jacque:** Você vê o nosso nível de brincadeira.

**Lourenço Mutarelli:** São pessoas criativas.

**Vitor Hugo Brandalise:** Mas não é que a Jacque e os amigos dela eram uns maus elementos completos. Eles podiam ultrapassar uns limites, mas o que eles bolaram para aquele aniversário do Lourenço não saiu só da cabeça deles.

**Vitor Hugo Brandalise:** Quando conversaram sobre a festa... Como vocês concluíram que era uma boa ideia?

**Jacque:** Não, uma festa para o Lourenço, tem que ser uma coisa do mundo dele, uma coisa diferente. Não uma festa normal, tem que ser algo especial. Nossa.

**Vitor Hugo Brandalise:** Uma coisa do mundo dele. Diferente...

**Lourenço Mutarelli:** Eu sempre gostei das coisas mais sombrias, assim, desde muito pequeno. Eu gostava de terror, eu gostava de... Eu sempre flertei com a sombra, assim, com essas coisas. Sempre me fascinaram. Sempre tive uma atração, sei lá.

**Jacque:** Então, a inspiração veio dele. Sabe a inspiração da festa? Veio dele mesmo.

**Lourenço Mutarelli:** Eu entendo, de verdade. Eu acho que vocês deram uma festa à altura do que vocês esperavam que eu queria. Ou que eu gostaria de ter. Se a minha vida fosse um roteiro, ela teria tudo a ver com isso aí, com um texto que eu faria. A minha vida seria mais ou menos escrita dessa forma.

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu fiz um mergulho pra dentro desse mundo do Lourenço – eu li aqueles primeiros livros “doentes” dele e vi os personagens com o rosto em carne viva, pareciam que tavam derretendo, página por página; eu li o último livro dele, que chama “O Livro dos Mortos” e que ele diz que é uma “autobiografia hipnagógica” – eu até aprendi o que que é “hipnagógica”: o estado entre a vigília e o sono, quando a gente quase que nem tá acordado mais. O Lourenço diz que a autobiografia dele foi escrita assim.

Eu ouvi as músicas que ele diz no “Livro dos Mortos” que tinham a ver com esse tempo da festa surpresa – tipo essa, do Black Sabbath. Eu mergulhei nesse labirinto do Lourenço sem nem vestir um gorriinho de lã pra dar sorte, e eu acho que eu posso falar: os leitores dele, que fazem esse trânsito pro mundo que ele criou – e que depois geralmente voltam desse mundo —, eles vão entender que mundo é esse que inspirou a Jacque.

**Lourenço Mutarelli:** É congruente isso com o que eu ouvia, com o que eu vestia, com o que eu... tudo. É coerente. Mas é claro que reconhecer de onde veio a inspiração dos idealizadores não evita as consequências pros atos deles.

**Vitor Hugo Brandalise:** Você percebeu que ele não estava bem quando tirou a venda? Como é que foi esse momento?

**Jacque:** Sim. Aí, nossa, me deu um frio na barriga. Eu falei: "Nossa, e agora? Mas acho que ele vai se recuperar e ele vai curtir a festa, né?" Nossa, e me lembro que todo mundo ficou lá em cima dele... Mas, nossa, é o momento que, se ele não gosta de lembrar, pode ter certeza que eu também não. E eu também fiquei... Ali eu me dei conta da situação, falei: "Nossa, é uma coisa para ser maravilhosa, e ele está assustado, gente, ele está branco". Aí, eu gelei.

**Lourenço Mutarelli:** Eu lembro de você, da sua preocupação, e eu falar que tinha entendido.

**Jacque:** De eu falar: "Lourenço, tá tudo bem mesmo?"

**Vitor Hugo Brandalise:** É uma inversão tremenda, de expectativa.

**Jacque:** Sim. Ali na festa e depois, né.

**Vitor Hugo Brandalise:** Ele foi decaindo, ele ficou mal. Ele ficava em posição fetal no chão, como ele descreveu. Então eu queria perguntar se você soube que ele estava assim, desse jeito.

**Jacque:** Não, assim tanto, não. Sabia que tinha ficado chateado e que não tinha curtido, mas os detalhes, não... Não porque a gente não tocava no assunto.

**Lourenço Mutarelli:** A gente se afastou, também.

**Jacque:** E a gente também não tocava no assunto. Porque a gente falava: "Bom, ele não curtiu. A gente não devia ter feito. Então, não vamos tocar mais nesse assunto".

**Vitor Hugo Brandalise:** Porque em alguns momentos o Lourenço contou essa história, Jacque, tipo, no Réquiem, por exemplo, você viu o filme?

**Jacque:** Não. Ai, que não quis ver. Preferi não ver. Você não se importa, né?

**Lourenço Mutarelli:** Não, de forma alguma.

**Jacque:** Eu preferi não ver. Falei: "Ai meu Deus, não quero relembrar".

**Lourenço Mutarelli:** Não, não vê, não. Não que o filme seja ruim, mas acho que não precisa ver.

**Vitor Hugo Brandalise:** Teve um momento que sentiu vontade, necessidade de falar com ele sobre isso?

**Jacque:** Não, eu respeitava. Se ele conversasse sobre o assunto, claro que sim, mas não tocar no assunto. Porque se eu vi que não gostou, porque que eu vou tocar no assunto?

**Lourenço Mutarelli:** Também acho que é uma coisa que a gente deixou pra lá.

**Vitor Hugo Brandalise:** Pra que serve, pra vocês, esse encontro de hoje? Pra que está servindo?

**Jacque:** Nunca imaginei trazer essa história de volta. Mas eu acho que foi muito bom.

**Lourenço Mutarelli:** Pra mim também, achei incrível. Nunca imaginei passar por um momento desse. Imagino, sei lá, podia um dia encontrar Jacque e a gente conversar. Sei lá, acho que não conversaria. Eu acho que por delicadeza nenhum dos dois tocaria.

**Jacque:** Eu também sinto isso. Eu não ia tocar.

**Lourenço Mutarelli:** Eu não ia, também, se não surgisse o assunto. Ou se alguém levantasse, eu poderia falar. Mas acho que se nós nos encontrássemos não íamos falar sobre isso. Mas essa oportunidade doida de estar junto com um jornalista quase fazendo uma acareação... [risos] É bonito. Foi a primeira vez que eu ouço a Jacque, não tínhamos nos falado, não tinha ouvido a versão dela. Eu fiquei muito feliz de como bate, como completa, ou complementa a minha. Foi bom ver que eu não delirei tanto. Porque também, no estado que eu estava eu podia ter distorcido muito as coisas. Então foi bom.

**Jacque:** E para mim também. Tá sendo bom estar aqui também, conversando com você e trazendo essa história de uma forma mais amena.

**Lourenço Mutarelli:** É, exatamente.

**Jacque:** Talvez em outra época não seria uma conversa nesse nível.

**Vitor Hugo Brandalise:** Em termos de ação, assim, vocês acham que precisa de alguma coisa? Lourenço quer, sei lá, um pedido de desculpa...

**Lourenço Mutarelli:** Que isso, imagina, eu quero dar um abraço quando acabar. Um abraço, que eu quero. Imagina, de forma alguma.

**Vitor Hugo Brandalise:** A foto desse abraço está no site da Rádio Novelo.

**Lourenço Mutarelli:** É isso, era um grupo. Eu talvez fizesse a mesma brincadeira se fosse um outro aniversário, eu participaria, talvez do mesmo jeito. Não tem nada, nada. Eu entendo a intenção. Eu entendo a intenção, embora digam que é isso que enche o inferno. Mas eu gosto do inferno. E nunca teve, sei que nunca teve maldade nenhuma ali.

**Jacque:** E na ocasião todos nós pedimos desculpas para ele.

**Lourenço Mutarelli:** Claro.

**Jacque:** Todos nós, nós pedimos desculpas. Nós entendemos que não foi bom. Eu não trago a palavra de desculpas agora por esse motivo. Já pedimos desculpas. Ele tinha comentado...

**Lourenço Mutarelli:** Não, e eu também falei que estava tudo bem no dia mesmo.

**Jacque:** É nesse sentido, tá? Porque isso não teria problema, pedir desculpas pela brincadeira.

**Lourenço Mutarelli:** Claro que não precisa mesmo, não tem necessidade nenhuma. Tá tudo certo. E juro, você pode perguntar para as pessoas mais íntimas, eu tenho muito carinho e nunca culpei vocês, assim. Foi uma brincadeira inconsequente. Mas tudo é inconsequente. Tudo que nós fazemos, por mais que você queira prever, você não prevê.

**Vitor Hugo Brandalise:** “Tudo é inconsequente”.

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu estava pensando no que você falou sobre o impacto disso tudo, e eu fiquei com a impressão de que, de alguma forma, está presente em toda a tua obra.

**Lourenço Mutarelli:** É possível, porque ela coincide também com isso. Ela coincide com... Quando você sofre abuso físico na sua casa... Na minha geração, os pais batiam mesmo. E o meu pai me batia sem motivo e com muita, muita fúria. Era muito parecido. As coisas mudavam. Estava tudo bem e, de repente, ele falava que precisava bater em mim, e tal. Então, eu estou falando mais ou menos disso ao contrário, né? Eram uns assaltantes que, depois, estavam na minha festa. Essas mudanças que eu vejo... esse tipo de mudança radical nas pessoas de um momento para o outro, sem... sei lá, sem uma razão ou que você possa entender naquele momento, pelo menos.

**Vitor Hugo Brandalise:** Tava tudo bem e, de repente, o pai dele precisava bater nele. Os sequestradores, os caras que iam torturar ele, e que logo depois tavam ali do lado, conversando, muito gentis.

Mudanças bruscas, isso é que é o mais desconcertante. Descobrir que o chão que a gente pisa não tá firme. É claro que a Jacque e os amigos cenaristas não sabiam que eles iam tocar nisso. A gente nunca sabe as consequências. Uma ideia bem-intencionada pode desembocar num colapso nervoso. Ou numa criança que fica dias sem dormir.

**Lourenço Mutarelli:** Às vezes você fala uma coisa pro teu filho tão ingênuo e... Eu lembro que o meu filho tinha uns bonequinhos que vinham na caçulinha, no guaraná, que eram uns bonequinho do Pokémon. Eu fui conversar com ele um dia que eu queria pedir desculpa se alguma vez eu fiz algo sem saber, porque a gente faz, a gente machuca uma pessoa sem perceber. E aí, ele me contou que ele ficou duas noites sem dormir porque ele me mostrou um Pokémon desse e eu falei: "Nossa, esse é o mais legal de todos". Mas, é claro, eu devia estar trabalhando, ocupado, e é assim que você fala com uma criança: você estimula. E ele perdeu aquele... E diz que ele ficava chorando e pensando: "Pô, eu perdi o que o pai mais gostou". Então, é isso: nós afetamos os outros sem saber e, às vezes, de uma maneira tão inocente, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** Um pai, outro pai, uma surra, um pokémon que se perdeu... A gente pode ter as piores ou as melhores intenções. A gente nunca sabe no que que vai dar.

Hoje, 35 anos depois, a gente já sabe no que que deu a história da festa surpresa. O Lourenço foi pro inferno, ele voltou – sem nunca parar de visitar –, ele conta pra gente como é lá. Ele pegou trauma do próprio aniversário por muitos anos, mas essa página, pelo menos, ele já virou.

**Lourenço Mutarelli:** Voltei a comemorar com 50 anos,

**Vitor Hugo Brandalise:** Em 2023 ele fez 59.

**Lourenço Mutarelli:** Fecharam um bar, muitos amigos escritores, e eu ganhei 18 litros de uísque. Agora, todo ano eu comemoro meu aniversário, eu fico muito feliz com essa data.

---

**Branca Vianna:** Esse foi o Vitor Hugo Brandalise, produtor sênior da Rádio Novelo.

E eu quero deixar aqui um agradecimento à ouvinte Mônica Pivato Rodrigues, que chamou a nossa atenção para essa história do Lourenço Mutarelli.

A segunda história de hoje tem a ver com expectativas que vão crescendo dentro da gente, sem a gente nem desconfiar.

---

## ATO 2

**Rayanne:** Eu sou Rayanne Soares.

**Branca Vianna:** Hoje a Rayanne tem 26 anos e é estudante de Gestão Pública na UFRJ.

**Rayanne:** Eu sou moradora da Maré e eu atuo como mobilizadora territorial, e atualmente eu estou na Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

**Branca Vianna:** Mas essa história se passa em 2015, e na época a Rayanne tinha 17 anos e tava no último ano do ensino médio. Ela tava pensando em se formar e continuar os estudos. Ela tava fazendo estágio na ONG Luta pela Paz na Maré, e já tava a meio caminho de ser efetivada no trabalho.

**Rayanne:** Aí no dia 19 de março de 2015.

**Branca Vianna:** A vida dela virou completamente de cabeça pra baixo. Naquele dia, a Rayanne teve que voltar pra casa mais cedo do estágio. Ela tava com muita dor.

**Branca Vianna:** Que tipo de dor, dor de cólica, dor nas costas?

**Rayanne:** Na costas, tipo dor nas costas. É isso, não consegui identificar o que era aquela dor. Era só muita dor que passava e vinha, passava e vinha.

**Branca Vianna:** Ela ficou ali, se contorcendo em casa por horas. A mãe dela tava fora. Um dos irmãos da Rayanne era atleta de boxe, com patrocínio e tudo. E a mãe tinha ido num evento do patrocinador dele, um coquetel. Ela só voltou bem tarde.

**Rayanne:** Quando minha mãe chega na madrugada e meu irmão mais novo fala: “Mãe, vai no quarto que a Rayanne tá morrendo”. E aí ela: “O que que tá acontecendo?” Eu falei: “Mãe, não sei, eu tô passando muito mal, não sei explicar”.

**Branca Vianna:** Ninguém tava entendendo muito bem o que tava acontecendo. Só dava pra ver que era grave. A mãe dela ficou preocupada, e perguntou pra Rayanne se ela queria correr pro hospital.

Só que tinha um problema. A Maré tava sendo ocupada pelas forças armadas há quase um ano, numa ação que começou antes da Copa do Mundo de 2014.

**Rayanne:** Aí a minha mãe com medo porque é isso, se você mora num território, que a gente sabe os poderes que domina.

**Branca Vianna:** Era melhor esperar amanhecer do que sair no meio da noite. A Rayanne passou a madrugada em claro, sentindo muita dor. Quando o dia finalmente veio, ela e a mãe foram pra rua pra tentar pegar uma Kombi pro Hospital Federal de Bonsucesso.

**Rayanne:** Que é o hospital mais próximo da Maré, ali onde eu moro, e a gente foi lá, tipo, sei lá, cinco e pouca da manhã.

**Branca Vianna:** Só que tava muito cedo, e as Kombis não tinham chegado ainda. E, enquanto isso, aquele desespero, a Rayanne passando mal de dor. Ela ficou deitada no chão, na calçada mesmo, porque não tava nem conseguindo ficar em pé.

**Rayanne:** Nisso que eu estou no chão passando mal, vem o pessoal do exército. Vem os soldados pra perguntar o que está acontecendo, né? Isso amanhecendo a rua vazia ainda, a galera indo trabalhar, mas o movimento bem, bem fraco.

**Branca Vianna:** Os soldados até ofereceram uma carona. Mas, por mais crítica que fosse a situação, a mãe dela não ia deixar elas entrarem num carro do exército assim, do nada. E se acontecesse alguma coisa? Ninguém tava ali na rua vendo, ninguém ia nem saber pra onde elas foram e com quem. Então a mãe dela deu um jeito de se livrar da situação.

**Rayanne:** Minha mãe: “Não, tá vindo, eu já pedi ajuda e está vindo”.

**Branca Vianna:** Era mentira, claro, ninguém tava vindo. Só que, por sorte...

**Rayanne:** Aí passa um vizinho com um carro muito velho de tinta, que ele era pintor indo trabalhar. Minha mãe: “Pelo amor de Deus, leva minha filha pro hospital, ela está morrendo e a gente não sabe o que que é”.

**Branca Vianna:** O vizinho topou dar uma carona e levou a Rayanne e a mãe dela pro hospital.

**Rayanne:** Eu cheguei no hospital às seis da manhã. Aí eu começo a achar que eu me mijei. Eu falei: “Gente, eu estou com tanta dor que eu estou me mijando”. Ai o maqueiro vira pra mim e fala: “Você tá grávida?” Aí eu: “Não”.

**Branca Vianna:** Nisso, colocaram ela numa sala pra ser examinada enquanto a mãe dela resolvia a documentação de admissão no hospital.

**Rayanne:** É muito louco isso que eu lembro dos detalhes, mas sabe, você parece que não está no seu corpo, sabe? Tipo, as coisas vão acontecendo. Aí o médico me examinou, ele falou: “Minha filha, você não tá grávida não, você está entrando em trabalho de parto”.

**Branca Vianna:** "Você tá entrando em trabalho de parto", simples assim. E foi exatamente nessa hora que a mãe da Rayanne entrou na sala...

**Rayanne:** Minha mãe desmaiou (risos).

**Branca Vianna:** E você? Você quando ouviu isso?

**Rayanne:** Branca, eu não, tipo assim, é o que eu falei, parecia que eu tava num transe. Eu lembro que me botaram uma cadeira de roda e, por sorte, o Hospital Geral de Bonsucesso tem uma maternidade, que é uma maternidade de alto risco.

**Branca Vianna:** A equipe levou ela correndo pra uma sala de parto.

**Rayanne:** E 06h43. O Miguel nasce.

**Branca Vianna:** Muito rápido.

**Rayanne:** Muito rápido.

**Branca Vianna:** A maioria das gestações dura 40 semanas. A Rayanne teve uma gravidez de 40 minutos. E eu sei o que você tá pensando: "Ah, mas como assim, ela não sabia que tava grávida? Será mesmo?". E eu confesso que também foi isso que eu pensei quando me falaram dessa história pela primeira vez. Eu tenho dois filhos e eu sei o quanto o nosso corpo muda na gestação. Foi até por isso que eu quis conversar com a Rayanne. Eu queria entender. E eu acho que esse tipo de história geralmente causa essa reação. Todo mundo fica morrendo de curiosidade pra saber os detalhes. Tanto que aquele programa sensacionalista 'Eu não sabia que tava grávida' é um clássico da Discovery. Mas pra resumir aqui. O que aconteceu com a Rayanne foi o seguinte. Primeiro: não, ela não era uma adolescente desavisada.

**Rayane:** Eu já tinha conhecimento porque eu sempre fiz parte de organizações na Maré de ONG e a gente acaba tendo acesso a educação sexual reprodutiva, curso de tipo você entender seu corpo, métodos contraceptivos. Então, o pai do Miguel foi meu primeiro parceiro sexual. E

acabou dando certo durante um período, mas quando ele foi morar longe eu acabei terminando o relacionamento.

**Branca Vianna:** Quando o Miguel nasceu eles já tinham terminado há meses. Mas na época que eles tavam juntos...

**Rayanne:** Aí, na época, a gente até fez exames, nenhum dos dois tinha nenhuma IST, então é isso, eu tinha esse conhecimento pra eu poder iniciar, “vamos transar sem camisinha, então vamos”, eu vou começar a tomar remédio a gente faz exame, se estiver tudo certo, a gente parceiro exclusivo, então vamos. Só que o anticoncepcional acabou me dando muito enjojo. Eu fiquei tipo fazendo mal e eu tive que trocar de anticoncepcional.

**Branca Vianna:** Tá aí a provável chave da questão. A Rayanne nunca deixou de tomar pílula. Mas nessa de trocar de anticoncepcional, ela não esperou tomar uma cartela completa do comprimido novo antes de voltar a transar sem camisinha, o que geralmente é o mais recomendado pra garantir a eficácia do medicamento. Mas até aí, muita gente poderia ter tido esse mesmo lapso. E, de qualquer forma, nenhum método anticoncepcional é totalmente, 100%, garantido. Ela seguiu a vida normal. E de tempos em tempos vinha um sangramento, então, nada pra se preocupar, né?

**Rayanne:** Tinha sangramentos duas vezes no mês, uma vez no mês não era tão regular, mas eu falei: “Cara eu tomo anticoncepcional, eu sou jovem ainda, então eu não dava muita importância para aquilo”.

**Branca Vianna:** Você achava que era um ciclo menstrual irregular.

**Rayanne:** Irregular — que eu ouvia que era super normal.

**Branca Vianna:** Segundo: não, ninguém percebeu nada de diferente. Mesmo.

**Branca Vianna:** E ninguém no teu entorno também... a tua mãe, teus colegas de trabalho....

**Rayanne:** Não, Branca, foi tipo pré-carnaval. Eu fiquei em casa com piscina, piscina.

**Branca Vianna:** A Rayanne pulou carnaval um mês antes do parto, em fevereiro. E chegou a ir numa festa de família 5 dias antes do bebê nascer. Ninguém desconfiou de nada.

A barriga dela cresceu pouco - e sim, isso acontece, varia demais de pessoa pra pessoa. E a gente soma aqui o fato de que a gravidez dela foi mais curta, já que o Miguel nasceu bem prematuro, de cerca de 7 meses.

E tem isso né? Quando você não tem motivo pra achar que tá grávida, você não presta atenção nos sinais que apontam para aquilo. Porque, terceiro: sim, tinha alguns sinais. Ela até teve alguns sintomas. Mas sempre dava pra explicar como sendo outra coisa.

**Rayanne:** Olhando as fotos, o que eu vejo nítido: meu nariz ficou enorme, mas eu tenho nariz de batatinha, entendeu, eu tenho nariz largo

**Branca Vianna:** “Ah, eu tô sentindo enjôo, devo ter exagerado naquele rodízio de pizza do shopping”.

**Rayanne:** Mas cara, quem não vomita pós-rodízio de passar numa praça de alimentação com um monte de cheiro, monte de coisa ali. Eu fiquei enjoada, mas era normal.

**Branca Vianna:** “Ih, tô com umas dores, um mal estar estranho, mas deve ser meu estômago”.

**Rayanne:** Conversando, e todo mundo: “Rayanne, de repente você tá com gastrite”. Aí eu falei: “Ah, pode ser”. E eu tinha ido em postinho próximo. Eu tinha uma endoscopia marcada para o dia 23 de março.

**Branca Vianna:** Já a dor nas costas devia ser por causa da falta de ergonomia da cadeira do trabalho.

**Rayanne:** E a cadeira do trabalho também, que eu trabalhava de recepcionista, então também é isso: oito horas do dia, sentada numa mesma posição e a cadeira não era tão confortável. Eu lembro que o meu chefe chegou a trocar a cadeira da recepção na época.

**Branca Vianna:** Agora, e o bebê mexer. Você chegou a sentir?

**Rayanne:** Não. Era isso: eu sentia muita dor nas costas, passei muita dor nas costas, mas na barriga mesmo, não sentia nada.

**Branca Vianna:** A Rayanne até percebia que tinha ganhado uns quilinhos, mas nada demais.

**Rayanne:** Na época eu era mais magrinha e tinha começado a perceber que eu estava engordando, mas não era nada. Eu falei: “Não, vou começar a treinar”. Eu lembro eu comecei a fazer Muay Thai.

**Branca Vianna:** Que é uma luta né?

**Rayanne:** De chute e soco.

**Branca Vianna:** [Risos]

**Branca Vianna:** E finalmente, quando começaram umas dores muito fortes no abdômen, ela de cara pensou: “Ih, deve ser apendicite”.

**Rayanne:** Barriga dói, meu Deus, apêndice, alguma coisa assim.

**Branca Vianna:** E se a situação já chegou tão longe, se você não desconfiou que tava grávida até agora, você não vai imaginar que essas dores são contrações. Muito menos que, na verdade, você já tá em trabalho de parto.

O tempo todo, a gente é vítima desse tipo de viés da confirmação, aquele fenômeno que faz com que a gente tenha muito mais facilidade de acreditar em coisas que reafirmam a nossa visão do mundo. E que, por outro lado, faz a gente ter bastante dificuldade de aceitar as coisas que desafiam tudo o que a gente já acredita.

Se fala muito disso quando o assunto é política, por exemplo. Se você acredita que a economia vai bem, você dá muito mais peso pras notícias que reforçam isso do que pras coisas que podem tá indicando o contrário. E todo mundo conhece pelo menos uma pessoa que acha mais fácil acreditar numa fake news absurda do que na própria realidade.

Mas o caso da Rayanne é mais pessoal, mais íntimo. E também por isso, talvez cause mais estranhamento. Como é possível a gente não perceber algo tão fundamental no nosso próprio corpo? Algo que gera mudanças tão profundas na gente? Como é possível alguém não saber que tá grávida, e, da noite pro dia, se tornar mãe? Sem qualquer aviso ou preparação. A Rayanne mesmo tem dificuldade em entender isso. Tanto é que ela mal conseguia acreditar no que tinha acontecido.

**Rayanne:** Aí lembro, e foi tão rápido assim, tão tranquilo, o parto, que entubaram ele, eu não vi o Miguel de imediato.

**Branca Vianna:** Eles entubaram antes de te dar ele?

**Rayanne:** Antes de me dar.

**Branca Vianna:** Então você não chegou a segurar.

**Rayanne:** Não cheguei a segurar.

**Branca Vianna:** Você viu ele?

**Rayanne:** Não, não vi.

**Branca Vianna:** Então, na tua cabeça era uma abstração ainda.

**Rayanne:** Exatamente. Era tudo muito abstrato, muito abstrato, muito abstrato. Tipo assim, eu não sabia o que estava acontecendo.

**Branca Vianna:** Porque você não sabia que estava em trabalho de parto e você não viu o bebê.

**Rayanne:** Não vi o bebê. Por isso foi essa pergunta: “Como assim tá vivo? Tem sexo?” Entendeu? Porque eu não tinha noção. Falei: “Posso estar sofrendo aborto, sei lá. Um início de gestação e um aborto”. Não era tipo uma criança de 30 semanas.

**Branca Vianna:** Logo depois do parto, veio o choque.

**Rayanne:** Sim, mas quando eu deitei na maca, na cama. E veio tudo. Tudo aconteceu, cara. Eu chorava e eu chorava. E eu chorava, eu chorava que veio psicóloga, assistente social, veio a obstetra, todo mundo falar comigo porque eu chorava, porque foi muito um choque. Assim, cara, minha vida mudou em horas. Em doze horas. Minha vida mudou completamente. De eu sair do estágio para ir para uma emergência com uma dor e estar com um bebê, entendeu.

**Branca Vianna:** E pra completar, o bebê, que era bem prematuro, nasceu com só 1kg e 740g. Ele teve que ficar um tempinho internado na UTI neonatal.

**Rayanne:** E aí, quando minha mãe volta, no início da tarde, é que a gente vai na UTI, porque o Miguel tem que ficar na UTI, porque ele era muito prematuro. E aí a gente vai ver e eu tenho outra crise de choro. E dessa vez a gente conversa com uma obstetra, eu não sei se foi o obstetra que fez o parto, mas a minha mãe fala: “Cara, uma criança, a gente não tem uma fralda, sabe? Não tem o que fazer. Como assim?”. E ela fala frases tipo assim: “Talvez ele nem sobreviva. Ele é muito novo, sabe? A gente tem que entender ainda o que aconteceu.”

**Branca Vianna:** Mas ela falou isso pra você: “Talvez ele não sobreviva?”

**Rayanne:** Falou. Eu presente, eu e minha mãe presente. Eu acho que a gente tem muito a ideia de que só é violência obstétrica quando alguém, o bebê ou a mãe morre. Sabe? Só é violência obstétrica quando lá tem hemorragia, não é muito maior. A mulher tá numa situação de vulnerabilidade. Eu tava numa vulnerabilidade bizarra ouvindo essas coisas. Hoje eu enxergo como violência. E é isso, o quanto a equipe técnica foi o atendimento incrível, mas também a obstetra fazer o comentário: “Ah, talvez nem sobreviva” é uma violência também, porque não sabia como eu tava, não sabia se a criança foi esperada, não sabia nada, fazer um comentário desse, enfim.

**Branca Vianna:** Depois disso, o Miguel ficou na Unidade Intermediária Neonatal até fazer um mês. Só aí ele finalmente teve alta.

**Rayanne:** E eu acho que foi esse tempo que eu comecei... porque eu moro muito próximo do hospital, então eu não quis ficar no alojamento. Eu passava o dia inteiro lá, ia para casa à noite, dormia em casa e no dia seguinte eu voltava para lá. Então acho que foi um tempo para poder, para eu poder também entender o que estava acontecendo.

**Branca Vianna:** Hoje, o Miguel é um menino saudável, de 8 anos.

**Rayanne:** Eu acho que minha relação com o Miguel foi essa que foi construída dia a dia nesse mês, essas idas. Aí um dia você troca uma fralda, um dia você tá, você dá todas as refeições, que são os leites de três em três horas, você consegue pegar ele no colo e daí você consegue dar um banho e troca uma roupa. Acho que essa relação foi construída, e eu acredito muito nisso. Eu não acho que a maternidade seja dada. A maternidade para mim não é uma regra matemática, não é uma fórmula. Agora eu tenho o status de mãe, mas foi um processo.

**Branca Vianna:** Em 1995, dois médicos alemães fizeram um estudo. Eles pediram para todos os hospitais obstétricos da região metropolitana de Berlim reportarem por um ano os casos de mulheres que só descobriram a gravidez quando já tavam com pelo menos 20 semanas, ou seja, com pelo menos 5 meses completos de gestação.

E 62 casos foram reportados. Ou seja, naqueles hospitais, e naquele período de um ano, apareceram 62 pessoas que só descobriram que estavam grávidas depois do quinto mês. E dessas 62 pessoas, 25 - ou seja, 40% - só foram diagnosticadas na hora do parto.

Naquele ano, só em Berlim, 25 grávidas se descobriram como mães ali, na hora do nascimento dos seus filhos. Isso contando também os casos em que os bebês que não sobreviveram.

Quando a gente computa esses números junto com a quantidade total de partos nesse período, a gente chega na frequência de 1 caso a cada 1200 partos, mais ou menos. 1 a cada 1200 é mais de seis vezes mais comum que o nascimento de trigêmeos. Ou seja, parece impossível. Mas na verdade, acontece até mais do que a gente pensa.

Só que o problema não é só virar mãe de 'surpresa'. Como essas gestantes não recebem nenhum cuidado pré-natal, tanto elas como os bebês estão mais vulneráveis aos vários problemas de saúde que podem acontecer numa gravidez. Isso vai desde infecções não monitoradas, sangramentos, nutrição inadequada, diabetes gestacional, pré-eclâmpsia, alguma irregularidade no desenvolvimento do feto, sem falar na total falta de apoio emocional e psicológico. Enfim, é muita coisa que pode dar errado nessa fase, né?

Esses bebês alemães totalmente inesperados tiveram uma mortalidade maior, uma chance bem maior de nascerem prematuros, com baixo peso, e também de precisarem de internação neonatal. Ou seja, muitos desses casos parecem ter pontos em comum com o que a gente viu no nascimento do Miguel.

Eu trouxe esses dados da Alemanha porque, na verdade, tem super poucos estudos sobre esse fenômeno. E a gente não achou nenhum dado sobre a frequência desses 'bebês surpresa' aqui no Brasil.

O que a gente sabe é que, de acordo com o DataSUS, dos mais de 2.6 milhões de nascidos vivos no Brasil em 2021, 16% tiveram um acompanhamento pré-natal considerado inadequado. E, desses nascimentos, mais de 48 mil não têm nenhum

registro de acompanhamento pré-natal. E, sim, os números de antes da pandemia também são parecidos.

Então talvez não seja coincidência que o Brasil é o décimo país no ranking mundial de nascimentos prematuros. E tem taxas de mortalidade materna bem altas se comparado com outros países. Mesmo a gente tendo um sistema público de saúde com uma política de acompanhamento pré-natal integrativo e de portas abertas, muita coisa ainda precisa melhorar.

Agora, voltando para casos como o da Rayanne. Casos de 'não sabia que estava grávida'. Até o nome que se dá na ciência pra isso parece meio mal resolvido. No Brasil às vezes se fala "gravidez silenciosa" ou "descoberta tardia da gravidez". Mas o termo científico internacional mais usado é 'denial of pregnancy'. Ou seja, negação da gravidez em inglês. É meio pesado né? Tem um quê de apontar culpa. Dá a entender que a mulher, ou a pessoa que tá grávida - caso ela não se identifique como mulher - de certa forma é sempre cúmplice nessa estatística. Parece que de alguma forma ela sabe, mas escolhe não saber. Tipo ou ela tá escondendo isso do mundo, ou ela deve ter algum problema psicológico que fez ela negar a gravidez até pra ela mesma. E, tá, isso pode até acontecer em alguns casos. Mas parece bem injusto tratar isso como uma verdade universal.

**Rayanne:** E cara, piscina.

**Branca Vianna:** A Rayanne que o diga.

**Rayanne:** Quem esconde gravidez com biquini? Não tem como.

**Branca Vianna:** Quero ver a foto do Miguel também.

**Rayanne:** Assim, hoje em dia o Miguel tá enorme, te mostro.

**Branca Vianna:** Ah gente, que graça, que menino lindo.

**Rayanne:** Ele é lindo.

**Branca Vianna:** Que gracinha!

**Rayanne:** Ele tem o olho puxadinho, nariz de batata, esse cabelo. Olha ele aqui.

**Branca Vianna:** Ooown, que graça e parece uma criança feliz.

**Rayanne:** Isso, total. Ele é demais.

---

**Branca Vianna:** Essa história foi produzida com apoio da Umane, que apoia iniciativas na saúde pública com o objetivo de melhorar a qualidade de vida da população brasileira.

Pra saber mais sobre a atuação da Umane, é só acessar [umane.org.br](http://umane.org.br). O link também tá lá no nosso site. Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Essa semana, no nosso site, tem fotos do Lourenço Mutarelli tirando a venda na festa surpresa, e do abraço dele e da Jacque 35 anos depois. Tem também um áudio do Lourenço explicando o que é que ele escreveu no diário dele no dia em que ele foi com a gente pro estúdio encontrar com a Jacque. E também fotos da Rayanne - e do Miguel.

E aí, ouvindo esse episódio você lembrou de uma história perfeita pra contar aqui no Rádio Novelo Apresenta? Lá no nosso site tem tudo explicadinho sobre o melhor jeito de mandar a história pra cá. Tá numa seção chamada "envie uma pauta" no menu, facinho de achar.

Outra coisa que tem no nosso site, é a transcrição de todos os episódios. Vale a pena indicar para aquela amiga que tá aprendendo português, ou para aquele amigo que tem deficiência auditiva, ou, sei lá, prum primo que prefere ler em vez de ouvir.

Agora, pra você que curte ouvir a gente, lembra que o Rádio Novelo Apresenta tá em todos os aplicativos de áudio – de música, de podcast. Pra não perder nenhum

episódio, lembra de "assinar" no seu aplicativo preferido. No Spotify, dá até pra você deixar um comentário contando o que achou das histórias.

Se você ou alguém que você conhece prefere escutar podcast pelo YouTube, a gente tá por lá também. É só procurar "Rádio Novelo" que você acha o nosso canal. E não esquece de seguir a Rádio Novelo no Twitter e no Instagram, no arroba radionovelo, e marcar a gente sempre que for recomendar ou comentar sobre algum episódio.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Luiza Silvestrini e pela Denise Ribeiro.

Nesse episódio, a gente usou música original do Kiko Dinucci, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

E a nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

Obrigada, e até a semana que vem.